



CURRÍCULO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO ENSINO SUPERIOR EM TURISMO / HOTELARIA E GASTRONOMIA

*Entrevista com

Silvana do Rocio de Souza

Qual a importância da formação humana para a formação superior em turismo e áreas afins, como hotelaria e gastronomia?

R: As atividades humanas, incluindo a formação de profissionais, buscam como resultado satisfatório estarem coadunadas com uma peculiar dinâmica de um conjunto de variáveis que se interpõem nos processos de formação dos homens. Portanto, um processo histórico, o que equivale a dizer que o processo de formação está historicamente condicionado à própria história dos sujeitos.

A formação deve ser entendida como um sistema no conjunto dinâmico do sistema social, sendo nesta correspondência estrutural, em que se contextualiza o sentido e razão da educação e o sentido institucional dessa formação.

A formação é antes de tudo formação de cidadãos. A formação será incompleta se não for acompanhada da formação do autogoverno ou autocontrole pessoal, da estética e da ética, somadas às razões lógicas e tecnológicas dos tempos atuais.

Ao assumirmos a formação humana em turismo como necessária e como “ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 1991, p. 10-30), ressalta-se a importância de a formação propiciar a “humanização” do homem/profissional. Tal opção não se



aparenta despreendida da necessária formação técnica, dos conhecimentos específicos da área. Pois o “fazer turístico”, no nosso caso, e mais precisamente sobre a qualidade do turismo, não pode ser construído a partir de um vazio empírico, sobre uma realidade desconfigurada ou encoberta, já que isso supõe mascarar sua própria ordem interna, o que configuraria um vazio epistemológico.

SAVIANI (2009, p. 27) destaca a importância da cultura no processo de humanização do homem, dizendo que a cultura

“é um processo pelo qual o homem transforma a natureza, bem como os resultados dessa transformação. No processo de autoproduzir-se, o homem produz, simultaneamente e em ação recíproca, a cultura”.

Outra implicação é que os sistemas culturais têm mais do que um grau mínimo de coerência, mas

“não há nada tão coerente como a ilusão de um paranoico ou a estória de um trapaceiro. A força de nossas interpretações não pode repousar, como acontece hoje em dia com tanta frequência, na rigidez com que elas se mantêm ou na segurança com que são argumentadas. Creio que nada contribuiu mais para desacreditar a análise cultural do que a construção de representações impecáveis de ordem formal, em cuja existência verdadeira praticamente ninguém pode acreditar”. (GEERTZ, 1926, p. 13).

Nesse sentido, a formação humana caracteriza a necessidade de formar profissionais cidadãos, humanizados e humanizadores, culturalmente constituídos e historicamente produzidos. Ainda, de acordo com Adorno (1995, p. 12), o “essencial é pensar a sociedade em seu devir. Só assim seria possível fixar alternativas históricas tendo como base a emancipação de todos no sentido de se tornarem sujeitos refletidos da história, aptos a interromper barbárie e realizar o conteúdo positivo, emancipatório,

[...] a formação humana caracteriza a necessidade de formar profissionais cidadãos, humanizados e humanizadores, culturalmente constituídos e historicamente produzidos.



do movimento de ilustração da razão". Nesse sentido, em uma sociedade de organização capitalista moderna, qual sujeito estaremos formando? Para qual sociedade, onde se concentra a valorização do ter em detrimento do ser, para atender as expectativas do mercado de trabalho? De qual modelo de sociedade e para qual mercado? Considerando a função social da universidade e das práticas formativas, parece ser fundamental formar cidadãos conscientes de sua capacidade de atuarem numa sociedade sem serem por ela manipulados, e poder contribuir de forma cônica e justa para elevação da qualidade de vida das populações envolvidas com o fenômeno turístico e com o desenvolvimento responsável das organizações.

Para onde vai o profissional de Turismo/Hotelaria/Gastronomia com tantas mudanças no mundo e no mercado de trabalho? Alguns segmentos estão em vias de extinção? O currículo dos cursos de graduação deve acompanhar essas mudanças?

R: As transformações pelas quais passa a sociedade, e em especial o Estado brasileiro, em decorrência da reestruturação produtiva e da redefinição das prioridades nacionais, têm acarretado constantes indagações de qual será o futuro dos cursos superiores de turismo. O cenário mundial tem acarretado profundas mudanças no modo de pensar e agir dos profissionais do turismo. Diante de fatos e de mudanças não apenas da atualidade mas também as que aconteceram ao longo das últimas décadas, e nas três esferas do poder público, se insere a necessidade de mudanças no sistema educacional visando adequações aos novos rumos da sociedade e do mercado turístico, por que não assim dizer. No entanto, para além de anunciar as requeridas mudanças, faz-se necessário observar alguns pontos da história da educação brasileira, que não esteve descolada de alguns episódios latino-americanos desde a década de 1980. De acordo com Castro e Carnoy (1997), o objetivo das reformas educacionais foi de aumentar os recursos destinados à



educação por fontes locais, públicas e privadas, e melhorar a qualidade do ensino. Esses autores consideram que o ponto principal foi de corte dos orçamentos do setor público e por isso foram chamadas de reformas financeiras. Mas também se pretendia produzir capital humano de melhor qualidade de forma a contribuir para aumentar a competitividade dos países latino-americanos na economia mundial. Outra reforma, orientada para a equidade, buscou a dimensão política da educação. Castro e Carnoy defendem que pode ser considerada em uma única categoria, pois anunciavam ter como objetivo uma educação de melhor qualidade, equitativa, e a um custo público mais baixo. Sem incursionar nas análises políticas do contexto histórico dessas reformas, apenas as cito para incitar reflexão a respeito das necessidades postas de mudanças curriculares ou de projetos pedagógicos. Nesse sentido, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96, delinearam-se novos rumos para a formação de profissionais, incluindo os profissionais do turismo. Visto que, desde a década de 1980, medidas de política com finalidade de dar outras configurações aos sistemas de ensino têm ocorrido, a partir da década de 1990 mudanças importantes aconteceram. Naquele momento, o Ministério da Educação desempenhava um papel interventor, de forma centralizada e hierarquizada. Outros espaços de discussão da educação foram criados, a exemplo do Conselho Nacional dos Secretários de Educação, que passaram a ocupar um espaço político antes assumido unicamente pelo MEC. Com a nova LDB o ensino superior passou por mudanças e se redesenhou a estrutura do sistema de ensino em cinco modalidades: universidades, centros universitários, faculdades integradas, faculdades e institutos superiores ou escolas superiores. Nesse cenário, apenas as universidades apontaram para a indissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão, o que pareceu ser uma retomada da ideia do MEC em 1986, que apresentava apenas duas categorias de instituição de ensino superior: as dedicadas a produção do conhecimento (centros de excelência) e as destinadas a



divulgação do saber. Alvo de críticas, esse projeto não foi adiante. Esses são apenas poucos exemplos de como a estrutura de ensino vem sendo modificada e demandando reformas e ajustes. A área do turismo, especificamente, passou por algumas poucas reformas de Diretrizes Curriculares, a última e atual é de 2002. Diante de fatos históricos, o que vem a ser necessário em uma mudança? Qual o objetivo da mudança? Quem é o alvo da mudança? O que se pretende com a mudança? Ao que parece, faz-se necessário mais do que elencar disciplinas, definir conteúdos de reforma, é necessário refletir sobre essas indagações mais do que tentar respondê-las. Outras questões, no entanto, requerem respostas claras, como, por exemplo, qual o novo ambiente de formação? Quais as práticas renovadoras de formação profissional? Como se configurariam no sistema

***...qual o novo ambiente de formação?
Quais as práticas renovadoras de
formação profissional? Como se
configurariam no sistema universitário?
Qual modelo de formação se opõe a
essas novas demandas?***

universitário? Qual modelo de formação se opõe a essas novas demandas? No entanto, não parece ser animador o consenso a essas respostas entre os

profissionais do turismo, tampouco entre os pesquisadores e professores da área.

Há um grande número de professores que atuam no Curso de Graduação em Turismo/Hotelaria/Gastronomia que nunca estiveram no mercado de trabalho. Como eles podem atuar em disciplinas específicas se não



conhecem a realidade do mercado? Que sugestão você daria para que os cursos de graduação possam ter mais sucesso com o perfil do seu docente?

R: Acredito que os processos seletivos devem ser elaborados de acordo com o perfil das disciplinas ofertadas. Contudo, o objetivo do curso deve estar claro, principalmente para os gestores responsáveis pelos processos de seleção dos docentes/profissionais do ensino. No entanto, sabemos que ao longo da carreira profissional, em especial nas instituições públicas, algumas alterações curriculares ou ajustes nos projetos pedagógicos colocam o profissional em situação de necessitar atender a determinadas disciplinas para as quais seus processos seletivos não foram objeto. Nas instituições privadas ainda é mais presente este problema, pois a adequação da carga horária do profissional e a necessidade de se manter no emprego estão acima, muitas vezes, da real capacidade em termos de conteúdo, em especial quando se espera conteúdos teóricos alinhados a experiências práticas.

Nas suas reflexões sobre Turismo e Educação, você coloca o sujeito social como ator para superar dificuldades e transpor barreiras para uma ação transformadora e libertadora. Essa ideia mestra vem da Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire? Qual o sentido dessa reflexão para a formação superior em Turismo/Hotelaria, e agora também para Gastronomia?

R: Como se pode perceber nas respostas da primeira questão sobre formação humana, apoio-me em autores clássicos como Saviani, Adorno, Chauí, e também gosto muito de Boaventura Souza Santos, Octavio Ianni, e tantos outros que tratam a educação como formação humana para atuação crítica na sociedade. Buscando o possível para fazer com que a atuação em sociedade seja não a de buscar culpados, mas a de construção coletiva de



atitudes férteis, dando as respostas que são esperadas. Todos somos responsáveis por construir um mundo melhor e isso inevitavelmente começa na escola/universidade.

O Prof. Miguel Bahl (in memoriam) acreditava que num futuro próximo somente haveria um reduzido número de centros de excelência de pesquisa em Turismo/Hotelaria/Gastronomia no Ensino Superior. As outras IES seriam relegadas a formação mais técnica (Tecnologia). Você acredita nessa premissa?

R: Eu diria que o professor Miguel sempre esteve à frente das reflexões sobre as demandas da formação em turismo e foi certamente um dos grandes pilares das estruturas a que se chegou em termos de diretrizes e conteúdos nos projetos pedagógicos de muitas instituições. Acompanhei ao longo de mais de trinta anos sua trajetória, que se mescla a minha trajetória enquanto turismóloga e profissional da educação. Aprendi com ele dentro e fora da Universidade. Sei que suas angústias nem sempre foram acalmadas, nem sempre sua visão foi aceita, mas certamente plantou rumos e alicerçou a formação dos profissionais do turismo, apesar das resistências e das dissidências. Eu diria que é uma premissa interessante que ajudaria a entender as reais necessidades da formação e seus objetivos. Em termos de políticas educacionais, há que se compreender que sempre se tem um objetivo, mesmo quando esse objetivo não está explícito. Ter a clareza de qual é o objetivo do curso ajudaria a orientar os candidatos e diminuiria as frustrações que ocorrem ao longo dos cursos. Minha hipótese é que a maioria das desistências estão atreladas à falta de conhecimento e de compreensão do que é e para que é o curso, ou seja, claramente qual o seu objetivo. Sempre defendi que o curso de bacharelado em turismo deve formar o planejador, e que o turismo é um fenômeno social da mobilidade humana, portanto, necessita ser assim compreendido e estudado, enquanto um fenômeno



social, com toda a complexidade que é própria da sociedade. Os egressos desses cursos não necessitam estar preocupados em serem aceitos pelo mercado, com conhecimentos técnicos específicos que são facilmente superados por outros, mas sim em transformar o mercado, sendo agentes dessa transformação em termos de planejamento de áreas naturais ou urbanas, na hotelaria, ou nos transportes, nas agências ou nas empresas de entretenimento, etc. Por outro lado, outros cursos mais específicos e mais rápidos em termos de carga horária podem se somar a esta formação, como por exemplo os cursos técnicos, tecnológicos, ou de capacitação.

Suas reflexões denotam uma linha de pensamento histórico-crítica pensando nos egressos do curso superior em Turismo/Hotelaria/Gastronomia. Neste sentido, há uma contradição no ensino superior da área que está voltado a pesquisas positivistas e neopositivistas. Como você propõe essa linha de pensamento em graduações focadas no liberalismo e neoliberalismo econômico? Que outras contribuições você poderia citar para o currículo, a formação e perfil docente dos cursos de bacharelado em Turismo/Hotelaria e Gastronomia?

R: Embora não se possa negar a origem dos cursos da área do turismo e seu significado primeiro na organização do trabalho no modelo industrial nos moldes taylorista-fordista, e as aplicações destes conceitos em alguns aspectos, desde as primeiras diretrizes curriculares nacionais para os cursos de bacharelado em Turismo, há que se repensar o tema dentro do novo quadro sociopolítico-cultural no qual se insere o turismo enquanto fenômeno social nos dias atuais, quando o próprio turismo é objeto de discussão e de crítica social em algumas partes do mundo. E em outras, em processo de recessão devido à ausência de demanda pelas questões sanitárias atuais. Alguns referenciais são necessários para desfazer equívocos no que tange aos caminhos que devem seguir os cursos. Em primeiro lugar, há que atentar ao



real significado de uma formação superior. Ao que me parece, em distinção de uma formação técnica ou tecnológica, de qualificação ou de capacitação. Essa distinção parece necessária e oportuna uma vez que daí decorrem algumas dificuldades de entendimento de muitas críticas feitas aos cursos ou aos profissionais da educação superior em turismo. Ressalta-se que essas críticas não são atuais. Acompanham a evolução da área enquanto ciência desde o início dos anos 1980. Não pretendemos insinuar uma divisão exata entre níveis de ensino ou modelos de cursos, mas a intenção é de encontrar soluções mais efetivas para os problemas de ensino/aprendizagem nos cursos superiores de turismo. É preciso atentar para as mudanças que ocorrem na sociedade contemporânea e nos desafios que se colocam para a formação em turismo. Em outras palavras, é preciso definir qual o objetivo da formação em cada modelo ou nível de curso, para posteriormente propor quais os caminhos (em termos de disciplinas ou conhecimentos necessários) para cada um. De acordo com Enguita (1990), a função da formação é dupla: incorporação futura ao mundo do trabalho e formação do cidadão para participação efetiva na vida da sociedade. A primeira seria a de criar ambientes de aprendizagem instigadores que colaborem para o processo de elaboração e reelaboração das experiências, proporcionando o desenvolvimento das capacidades necessárias ao mundo do trabalho em termos de técnicas ou conhecimentos específicos da área do turismo. Em outra dimensão, a formação do cidadão pressupõe o desenvolvimento do sujeito enquanto ser social crítico que forma juízos, que é capaz de avaliar as diferentes possibilidades e consegue superar adversidades que o mercado de trabalho possa lhe apresentar, pois sua formação está para além das questões técnicas que lhe foram apresentadas no momento dessa formação. Este sujeito consegue discernir o que mais lhe convém com atitudes e valores, não apenas com capacidades cognitivas ou com raciocínio formal, mas com amparo na ética e na moral. Dois pontos são fundamentais: a estrutura das universidades em termos de espaço físico, qualidade dos professores,



tecnologias disponíveis, e a estrutura das relações sociais que esse sujeito possa estabelecer. Sua “teia” de relações e de significado dessas relações são construídas no período de estudo, durante os estágios e primeiros contratos de trabalho e irão se solidificando ao longo da carreira, tornando possível as trocas de conhecimento e de experiências exitosas. Portanto, as questões relativas ao sucesso profissional não estão unicamente postas nas diretrizes curriculares ou disciplinas dos cursos, estão também relacionadas, em termos mais gerais, a toda a estrutura colocada em atenção aos alunos, indo além dos muros da universidade. No entanto, sempre fica a questão que considero fundamental: Qual o modelo ou tipo de ser humano que queremos formar? E, principalmente, para qual modelo de sociedade queremos que esse sujeito seja ativo no sentido transformador?

No atual cenário político e econômico do país, você não acredita que neste momento o Mestrado em Turismo deva ser profissional e não acadêmico?

R: A continuidade da formação é condição *sine qua non* para o profissional, em especial no atual cenário mundial, pois entendemos que a formação é um processo, portanto sistêmico e continuado. Os mestrados acadêmicos reforçam a ideia da pesquisa e do conhecimento científico, abordam as metodologias e os métodos e as teorias do turismo. Têm como principal objetivo formar o pesquisador e o profissional da educação em turismo, em especial do ensino superior. No entanto, ao abordar a sociedade, aborda as empresas e as instituições, portanto, o mercado de trabalho. Nesse sentido, também é interessante ao profissional que já está atuando ou que busca uma colocação no mercado de trabalho. Em outro modelo, o mestrado profissional tem como objetivo preparar mais rapidamente o profissional para a transferência de conhecimento técnico-científico alinhado às necessidades de empresas ou do poder público, o que também pode ser interessante ao futuro profissional do ensino em turismo. Condições estruturais



específicas da instituição ofertante acabam por definir qual o modelo de curso de mestrado que será ofertado. De qualquer modo, seja acadêmico ou profissional, o mestrado traz inúmeros benefícios à área de estudo do turismo, promovendo disseminação do conhecimento, favorecendo a valorização do profissional.

Mesmo que o Curso de Graduação em Turismo/Hotelaria/Gastronomia seja voltado para o contexto profissional, há necessidade de ter pesquisadores que tenham um aprofundamento científico sobre a área? O Turismo e Hospitalidade é um setor que transforma e impacta a sociedade e as reflexões teóricas se dão no âmbito de teorias construídas a partir de ciências?

R: Permita-me tentar expressar o que penso sem o dever de ser teórica ou política, pois certamente mesmo se fosse não seria capaz de poder precisar uma exata resposta ou mesmo apontar um exato caminho. Sigo dizendo que a trama estrutural do sistema educativo em turismo e áreas afins, como prefiro denominar (hotelaria, hospitalidade e gastronomia), está também condicionada a qual realidade estamos tratando e qual modelo de sujeito estamos querendo formar, coisa que costuma não agradar a muitos nem a todos. Nesse sentido, a ciência deve expressar o conhecimento com a razão mais lógica possível da realidade pertinente a qual se refere e se insere a formação. Ao fazê-lo, revela-se assim a trama da ordem interna que define o sistema educativo e nos produz enquanto sujeitos sociais. Esse sistema deve produzir verdades e não alienações. Tomar consciência das verdades é que nos faz seres livres para agir de forma mais ética e moral, dentro das conveniências sociais guiadas e estruturadas pelo tempo e pelo espaço. Não há dúvida que ninguém se forma em três ou quatro anos sem considerar que esse período é continuidade de uma formação anterior, e que tem continuidade em uma formação posterior. A formação se dá ao longo da vida e das experiências partilhadas nas redes de convivência, das variadas



participações na multiplicidade das relações. Tanto mais rica será quanto mais experiências incorporar nas inúmeras redes de que cada aluno participe e colabore. Não se trata de um conhecimento específico, pronto e acabado, adquirido em um curso superior, mas de um conhecimento múltiplo em permanente processo de atualização, que nunca deve cessar. Isso exige que o aluno compreenda que o conhecimento é como um tecido que deve ser construído ao longo da vida. As críticas que incitamos sobre a formação tecnicista do turismólogo desde a década de 1980, apesar das evoluções em termos de área de estudo e pesquisa e das experiências curriculares e pedagógicas que as instituições têm tentado realizar e que acompanham com dificuldade as mudanças do mundo do trabalho, não têm sido suficientes para barrar propostas que buscam estabelecer perfis profissionais desconsiderando o imprescindível desenvolvimento humano dos sujeitos, reforçando a formação de especialistas e não de profundos conhecedores da realidade social e cultural. Os argumentos que vêm sendo utilizados como base dessas propostas de “renovação” estão calcados nas demandas do mercado e nas tecnologias. Nessa ótica, reforçam-se os conhecimentos específicos das áreas que compõem o campo de estudo e de atividades do turismo, como hotelaria, gastronomia, agenciamento, etc. Por outro olhar, as mudanças precisam estabelecer formas de dar base sólida para uma formação cultural, histórica, geográfica, administrativa, financeira, estatística, etc., além da imprescindível formação para a cidadania, alicerçada na formação humana. Nesta conjuntura rica e diversa, e ao mesmo tempo conflituosa, vários professores pesquisadores da área do turismo, bem como entidades do campo profissional, além de empresários e representantes do setor público, vêm manifestando procurar intervir na formulação de políticas de formação (currículos e projetos pedagógicos). Diante das exigências postas no que concerne aos objetivos da formação, não se pode deixar de considerar a necessidade de desenvolvimento da capacidade de reflexão, pleno domínio das tecnologias que dão suporte às atividades econômicas da



área, do conhecimento estatístico, financeiro, da compreensão do ambiente natural e cultural, do sistema político, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade na qual o fenômeno da mobilidade humana, o turismo, acontece. Ao defender a formação humana em turismo, é preciso deixar claro que a formação profissional deve ir além de sua dimensão técnica, extremamente necessária e pulsante na sociedade atual, mas também é necessário envolver atividades de reflexão, pesquisa, planejamento, o que implica uma estreita associação entre a concepção e a execução, entre a dimensão técnica e a dimensão política. O debate sobre os rumos dessa formação deve ultrapassar o campo das concepções filosóficas, incorporando propostas de políticas de valorização profissional, carreiras e salários, tematizando questões centrais da relação do profissional com o mercado, dando estímulo ao enriquecimento cultural, com reconhecimento compatível com a centralidade social, política e econômica da área de atuação desses profissionais, como por exemplo, a quase esquecida regulamentação da profissão. Em síntese, o quadro aqui apresentado deixa claro que a formação do turismólogo continua sendo objeto de “disputas” no interior dos projetos pedagógicos, que refletem um determinado projeto de educação e de sociedade, em detrimento de uma formação diferenciada, robusta e alinhada às necessidades da sociedade. Na atual conjuntura revelará também a prioridade que a sociedade brasileira atribui a esses profissionais em tempos de incertezas, em que a formação humana poderia alicerçar as relações profissionais. À guisa de uma conclusão,

“o neoliberalismo não é uma lei natural nem uma fatalidade cósmica nem muito menos o fim da história. Ele é a ideologia de uma forma histórica particular assumida pela acumulação do capital, portanto, algo que os homens fazem em condições determinadas, ainda que não o saibam, e que podem deixar de fazer se, tomando consciência delas, decidirem organizar-se contra elas”(CHAUÍ, 1999, p. 50).



Qual a importância da formação em turismo para o êxito do setor no Brasil?

R: Não podemos continuar formando isoladamente se queremos que trabalhem de modo solidário e ético. Não podemos continuar achando que estamos formando futuros profissionais quando a maior parte deles estará buscando um lugar para sê-lo. Não podemos formar por disciplinas se o que queremos é que busquem e formem organizações para além das disciplinas que lhes ensinamos. Não podemos querer que apareçam de forma mágica profissionais que se adaptem ao mercado de forma transdisciplinar se os formarmos em cursos isolados e em disciplinas isoladas e sequenciais descoladas de formação geral e filosófica. A Universidade não deve ser um sistema fechado, já que as amplas mudanças que moldam os variados sujeitos envolvidos provoca um questionamento de qual o sentido da universidade. Isso indica a necessidade de incorporar conhecimentos gerados pelas pesquisas, mas também pelo cotidiano das atividades econômicas do turismo, e, a partir das redes de relações e conhecimentos tecidas pelos próprios sujeitos em formação, estabelecer o conhecimento necessário para atuação do profissional em turismo com formação superior. Acreditamos que toda atividade humana possui uma determinada finalidade e que, de acordo com as possibilidades e limites, essa finalidade fica mais ou menos explícita em cada situação. Com a ousadia e a coragem de assumir mais dúvidas em vez de apresentar certezas, encerro dizendo do turismo enquanto fenômeno social de mobilidade humana, o qual se apropria, cria e recria espaços, a partir das variadas atividades econômicas dele decorrentes, que seja capaz de transformar realidades, elevar a qualidade de vida das populações envolvidas e trazer mais luz e mais cor ao cinza do cotidiano, como alguém já anunciou em outros tempos...



REFERÊNCIAS

- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1926.
- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. São Paulo: Cortez, 1991.
- SAVIANI, Dermeval. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. 18a. ed. Revisada. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- CASTRO, Claudio de Moura; CARNOY, Martin. (org.) **Como anda a reforma da educação na América Latina?** Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1997.
- CHAUÍ, Marilena. Ideologia neoliberal e universidade. *In*: OLIVEIRA, Francisco de; PAOLI, Maria Cecília. (org.). **Os sentidos da democracia**: políticas do dissenso e a hegemonia. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ENGUIITA, Maria. **A face oculta da escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ⁱ Bacharel em Turismo, mestre em Educação, doutora em Geografia.

Atua no Departamento de Turismo, do Setor de Ciências Humanas da UFPR, coordena o Núcleo de Planejamento Turístico (Agetur), é editora adjunta da Revista Turismo e Sociedade.